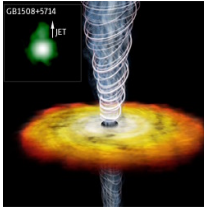


Debate: criação versus evolução!

por *Rodolfo Petrônio* – Instituto Aquinate e Faculdade de São Bento/RJ.



criação

1. Introdução: Rigorosamente falando, não existe uma ‘teoria criacionista’. Desde a Antiguidade, e especialmente desde Aristóteles, discutiu-se o problema de se o mundo (a totalidade de tudo o que existe, na terra e no céu) teve uma duração, isto é, teve um seqüenciamento temporal, caracterizado pela presença do movimento dos entes, este último inerentemente constituído por antes e depois, duração essa que se estenderia até o infinito passado. Ou seja, tratava-se de saber se o mundo ‘era eterno’.

2. Análise: Tal discussão prolongou-se até que, no século XIII, Tomás de Aquino apresentou uma solução interessante, segundo a qual ele admitia que a discussão sobre a eternidade do mundo era inútil. Argumentava que não seria possível, pelo recurso exclusivo à razão, provar, por via demonstrativa, nem que o mundo possuía uma duração que se estendia ao infinito passado nem que houvesse sido ‘criado’. A eternidade é um atributo de Deus e supõe uma compreensão distinta de uma duração infinita, seja para trás (passado) ou para a frente (futuro), pelo fato de Deus situar-se fora da duração, na Eternidade, a qual, simultaneamente, abarca toda a duração. Logo, concluía Tomás, a criação do mundo era um dado de fé, pois encontra-se na Sagrada Escritura, cuja veracidade não pode ser posta em dúvida, por ser um texto inspirado pelo próprio Criador. Assim, a criação é um ato libérrimo da vontade divina (Ele poderia, se quisesse, não ter criado o mundo) e supõe que nada havia antes, considerando que não tem sentido algum falar em ‘antes’ do mundo segundo a duração, pois esta passou a existir com o próprio mundo, tirado por Deus do não-ser (nada) para o ser. Segundo esta perspectiva, fica claro, por conseguinte, que o ato criador é único, consistindo em ‘dar o ser’ ao mundo, desde o princípio até agora. Portanto, este ato único, livre e continuado, de dar o ser ao mundo, chama-se criação. Por outro lado, numa obra chamada *De Potentia Dei* (Sobre o Poder de Deus), Tomás de Aquino propõe o seguinte: “É próprio da sabedoria que aquilo que é dado o seja da forma adequada e no tempo certo. Ora, Deus é sapientíssimo. Logo, a criação segue um caminho que vai do menos perfeito ao mais perfeito”. O que o ele propõe, então, é que este ato livre e único de Deus, de dar o ser ao mundo, seja realizado de forma gradual -- o que não significa que seja ‘contínua’ --, desde uma estrutura da realidade natural que foi, digamos, imperfeitíssima, até a sua máxima complexidade, à qual ora presenciamos. Portanto, nada impede

que, gradualmente (mas não continuamente, isto é, ‘sem saltos’), o ser do mundo se tenha desenvolvido até o presente momento, seguindo as leis que a sabedoria divina imprimiu no ser do mundo, cuja criação ainda continua. Tal perspectiva que não é ela mesma uma teoria, mas uma reflexão filosófica acerca da realidade do cosmos, é perfeitamente compatível com qualquer teoria científica que venha a explicar em termos empíricos a configuração da realidade (big-bang, multiversos, evolução etc.). Assim, nada impede que muitos possam dar sua anuência à criação, a saber, que houve um Criador que criou os céus e a terra¹.

Trata-se de, *bona fide*, conceder que não é incompatível o dado da criação (que, vimos, não pode ser provada por via demonstrativa que houve ou que não) com o dado empírico. Mas, se considerarmos que as grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) sustentam a criação como dado revelado, então cerca de 55% da população mundial sustentam o dado da criação². A criação também não é, em absoluto, uma teoria científica. O que define uma teoria científica é que esta apresenta um corpo de proposições sobre a realidade e dispõe de métodos de verificação experimental das conseqüências obtidas desse corpo de hipóteses e proposições, o qual visa, em última instância, ao dado quantitativo. Ora, a criação situa-se numa esfera anterior e superior à realidade quantitativa. Devemos rechaçar uma atitude, uma postura ideológica, nada científica por sinal, de atribuir às teorias científicas um caráter de verdade exclusiva sobre a realidade. A esta atitude ou postura ideológica denominamos cientificismo³. Ora, é bem verdade que tudo o que observamos e medimos, isto é, tudo aquilo a que se tem acesso experimental, existe, ou seja, localiza-se espaço-temporalmente. Isto é trivial, podemos dizê-lo. Mas, se trocarmos as posições dos enunciados, a saber, se dizemos que tudo o que existe é o que medimos e observamos (tudo o que cai sob o alcance científico), então temos um sofisma de petição de princípio, pois justamente o problema é identificar o ‘tudo o que existe’.

Quem nos assegura que ‘tudo o que existe’ é tudo o que medimos e observamos? Ora, claramente, esta não é uma proposição científica, pois ela mesma não pode ser demonstrada cientificamente. É esta uma armadilha em que muitos caem: pretender que a ciência experimental, ainda que muito bem

¹ Gn (1,11).

² Consultar, a respeito dos que professam a crença num único Deus criador, <http://www.spiegel.de/international/spiegel/0,1518,460233,00.html>.

³ Aliás, recomendamos o excelente e esclarecedor livro de Wolfgang Smith, *Cosmos & Transcendence: breaking through the barrier of scientific belief*, Peru (IL): Sherwood Sugden, 1984.



sucedida em seu próprio campo, possa dizer algo de verdadeiro sobre aquilo que está fora do método que ela própria estipulou. Isto é denominamos por praga cientificista. Portanto, a criação não é uma teoria científica, pois seu objeto situa-se além e acima do alcance da ciência experimental. Resumindo: Santo Tomás estava correto.